



ESCRavidÃO, HOMOSSEXUALISMO E MORALISMO VISTOS SOB A ÓTICA DIFERENCIADA DE UM NARRADOR NATURALISTA: ANÁLISE DE BOM-CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

MAGIROSKI, Cristina. TCC, PG, CIES, cris_magiroski@hotmail.com
FERNANDES, Mônica L. S. (OR), Fecilcam, msociofernandes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A narrativa de *Bom-Crioulo*, apesar de não ser a melhor obra naturalista brasileira, não deixa de ser uma boa narrativa. Adolfo Caminha aborda nela um tema um tanto polêmico para a sociedade da época: homossexualismo entre marinheiros.

Bom-Crioulo se desenvolve em torno de um triângulo amoroso, diferente do tradicional composto por dois homens e uma mulher ou duas mulheres e um homem. Aqui o leitor se depara com Amaro visto como o 'macho', forte, viril, negro e Aleixo, a 'fêmea', com aparência feminina, frágil e com comportamento feminino. Eles se caracterizam como opostos. Tal relação cresce, por influência e pressão de Amaro, amadurece e começa a dar sinais de que vai apodrecer.

O terceiro elemento desse triângulo se completa com Carolina, uma velha portuguesa de quarenta anos, dona de alguns cômodos no subúrbio do Rio de Janeiro, que vivia dos aluguéis e era amante de um açougueiro.

Após alugar o sobrado ao casal (Amaro e Aleixo), Carolina, cansada de ver Aleixo, carinhosamente chamado de Bonitinho, entregue ao bruto Amaro, decide conquistá-lo, tomá-lo para si. Dessa maneira, ao invés de se deixar conquistar, Carolina assume papel de homem conquistador. Aleixo gosta dela, pois ela lhe enche de mimos, diferente de Amaro que só estava lhe dando desgosto.

Por fim, Aleixo decide ficar com Carolina mesmo temendo que Amaro pudesse fazer alguma coisa. No entanto, essa relação dura pouco, pois Amaro, enciumado, cego por sua obsessão, por sua paixão sem limites, os descobre e mata Aleixo com as próprias mãos.

Diante de uma história de paixão e tragédia, vamos nos ater a algumas ideias presentes na narrativa que se diferenciam das ideias da sociedade tradicional da época. Com isso, pretendemos compreender o que pode ter levado o narrador a criar uma narrativa em que alguns comportamentos diferem do tradicional.



O ENREDO

O romance nos apresenta a história de Amaro (tratado por Bom-Crioulo) um escravo que fugiu de uma fazenda, cansado da vida que levava, em busca de condições melhores que, até certo ponto, foram encontradas na marinha:

A disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho na fazenda, ao regime do terrível tronco e do chicote. Havia muita diferença... ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa e comia bem, a fartar, como qualquer pessoa[...] Para que melhor? (CAMINHA, 1998, p.22).

Contudo, após certo tempo de serviço, apareceu no navio um pequeno grumete, Aleixo, loiro, de olhos azuis, contando 15 anos, que abalou as estruturas de Amaro. Ambos começaram a relacionar-se, devido à pressão e insistência de Amaro e foram 'desfrutar' de tal 'amizade' em um sobrado no Rio de Janeiro, alugado por Dona Carolina, dona de uma pequena pensão e conhecida de Amaro há algum tempo.

Como passar do tempo e as restrições da vida militar, as idas de Aleixo e Amaro ao sobrado se tornaram menos frequentes e os desencontros cada vez mais frequentes. Aproveitando-se disso, Carolina decide conquistar Aleixo que era muito diferente dos homens que estava acostumada a conviver e se relacionar.

Mais tarde, internado em um hospital após uma briga, Amaro fica sabendo de Aleixo e Carolina, se sente furioso, foge do hospital e comete um crime com as próprias mãos: destrói a única causa boa de sua existência: Aleixo.

COMPORTAMENTOS E IDEIAS ANTAGÔNICAS PRESENTES NA NARRATIVA

Na narrativa de *Bom-Crioulo* é possível perceber que há algumas ideias/comportamentos que parecem contrários aos da época, tidos como padrão.

Assim, analisaremos alguns pontos como a presença da escravidão e a não discriminação do personagem Amaro, a aceitação e a condenação da homossexualidade de Amaro e também o discurso científico do narrador e o moralismo do mesmo.

ESCRavidÃO VERSUS NÃO DISCRIMINAÇÃO

O tempo na narrativa nos remete a um período que antecede a Abolição, época muito preconceituosa e eis que surge Amaro, com dezoito anos, tentando fugir do regime escravocrata da fazenda onde vivia:



Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupa de algodãozinho, trouxa ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru. Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte – ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas conseqüências da fuga (CAMINHA, p. 21)¹.

Após fugir, Amaro ingressa na marinha buscando condições de vida melhores que as da fazenda onde vivia. Tais condições foram encontradas: a bordo do navio ele tinha lugar para dormir, seu próprio travesseiro, roupa limpa, comia bem e era respeitado: “Nunca durante esse primeiro ano de aprendizagem merecera a pena de um castigo disciplinar: seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por Bom-Crioulo.” (CAMINHA, p.22)

Um dos elementos importantes da obra é a ausência da discriminação racial, em uma época em que isso era comum: “Ele, o escravo, o ‘negro fugido’ sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser.” (CAMINHA, p.22)

O que o narrador nos apresenta é que Amaro era igual aos outros marinheiros e sentia-se feliz, pois, pelo que se percebe, esse ambiente e o serviço não se comparavam à dureza de sua vida na fazenda. Além disso, ali (no navio) ele era bem tratado: “Ali, não se olhava a cor ou a raça do marinheiro, todos eram iguais, tinham as mesmas regalias _ o mesmo serviço, a mesma folga.” (CAMINHA, p.22).

Naquela época os negros não tinham os mesmos direitos, liberdade e nem se sentiam iguais aos demais afinal, o regime escravocrata não permitia que os negros tivessem uma vida comum, livre, afinal “os negros não formavam uma sociedade igual a qualquer outra.” (SCHWARTZ, 2001, p.89)

Voltando à narrativa, Amaro após alguns anos de serviço começa a apresentar sinais de insatisfação com relação à disciplina a bordo do navio, com as tarefas e com os horários:

Em dez anos viajara quase o mundo inteiro, arriscando a vida cinquenta vezes, sacrificando-se inutilmente. _ Afinal a gente aborrece... Um pobre marinheiro trabalhava como um besta, de sol a sol, passa noites acordado, sem proveito, sem o menor proveito! (CAMINHA, p. 25).

A partir desse momento, a narrativa segue um rumo diferente, nos mostrando Amaro insatisfeito. Começam a surgir alguns objetos que remetem à escravidão, contrariando a posição inicial, havendo assim, uma pequena dualidade: há presença da escravidão, isso

¹ CAMINHA, A. Bom-Crioulo. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.



altera sua vida, pois ele trabalha duro de sol a sol, mas não percebemos discriminação racial, pois todos trabalham de forma igualitária, independente da cor.

A narrativa ao tratar da vida de Amaro (e dos demais marinheiros) nos deixa a mostra marcas significativas da escravidão. Uma das primeiras se dá logo na abertura do primeiro capítulo, que descreve um castigo corporal sendo aplicado a alguns marinheiros que contrariaram certas normas:

Vinham em ferros, uma um, arrastando os pés num passo curto e demorado, e encaminharam-se para o meio do convés, fazendo alto a um aceno do comandante. Este imediatamente segredou a outro oficial, que estava a seu lado com um livro na mão, e, dirigindo-se ao primeiro sentenciado, o da frente, o rapazinho amarelo, cor de terra:

_Sabe por que vai ser castigado? (CAMINHA, p.14).

Observamos marcas da escravidão por meio da forma como os marinheiros eram mantidos presos: “em ferros” para depois serem castigados, atitude comum à escravidão.

Além disso, o uso da chibata está presente na aplicação de castigos, que nos remete a forma como os escravos eram punidos pela desobediência. Isso se comprova com um trecho do romance, em que o comandante do navio, pune Amaro e alguns marinheiros por terem desobedecido às normas e cujo comportamento era tido com um crime que contrariava “o código”, conjunto de regras que regiam o comportamento dos marinheiros:

_Não se iluda a guarnição deste navio! perorou o comandante. Desobediência, embriaguez e pederastia são crimes de primeira ordem. Não se iludam!

E, como da outra vez, Bom-Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata (CAMINHA, p.70).

A insatisfação de Amaro é visível tanto quanto a presença da escravidão e chega a um ponto que ele a compara com sua antiga vida de escravo na fazenda:

_Diabo de vida sem descanso! O tempo era pouco para um desgraçado cumprir todas as ordens. E não as cumprisse! Golilha com ele, quando não era logo metido em ferros...Ah! vida, vida!... Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte... E chamava-se a isso servir a pátria! (CAMINHA, p.41).

Em relação à presença da escravidão no navio, seja pela presença de instrumentos de castigo que remetem a ela ou mesmo pelas declarações feitas por Amaro, em oposição à não discriminação racial do personagem central podem ser compreendidas de duas maneiras.

Primeiro, o narrador pode ter amenizado a situação do negro, nos apresentando uma narrativa diferente do esperado, dando ao personagem a oportunidade de ser “igual aos



outros homens.” (CAMINHA, p.22). Oportunidade essa que dificilmente lhe seria dada fora da ficção.

Ou então, a intenção do narrador foi inserir Amaro em um ambiente onde ele não tivesse problemas raciais e que a presença da escravidão fosse comum, visto que pouco tempo teria passado após a abolição da mesma.

Contudo, podemos explicar que as intenções de Amaro são frutos do determinismo, uma vez que tal corrente é uma das características principais do naturalismo. Assim, de acordo como determinismo:

O homem é determinado por três formas de pressões externas: a raça, o meio e o momento histórico. O homem age condicionado pela raça a que pertence, da qual herda fatores genéticos que fazem os povos diferentes entre si. Depois, o homem é influenciado pelo meio, isto é, o espaço geográfico e social em que ele vive. Por último, ele responde de acordo com o momento histórico em que ele se desenvolveu (WWW.robertoavila.com.br).

Desse modo, compreendemos, por meio dessa tese, que o personagem Amaro agiu de tal maneira por ser condicionado por forças externas.

ACEITAÇÃO VERSUS A CONDENAÇÃO DO HOMOSSEXUALISMO EM BOM-CRIOULO

Bom-Crioulo se passa em dois lugares: no mar, a bordo da corveta e em um sobradinho no subúrbio do Rio de Janeiro. Esses lugares são descritos minuciosamente, principalmente no que se refere aos aspectos negativos, pois “daí decorre a objetividade que o escritor procura manter durante toda sua narrativa, não idealizando a realidade, mas limitando-se a registrá-la”. (www.portrasdasletras.com.br) Na corveta a situação em que se encontram os marinheiros é degradante: cansados após um dia de serviço, eles acabam dormindo em qualquer lugar, inclusive no chão úmido e sujo de um ambiente fétido e precário como o convés do navio:

A marinhagem, entorpecida pelo trabalho, caíra numa sonolência profunda, espalhada ali ao relento, numa desordem geral de ciganos que não escolhem terreno para repousar. Pouco lhe importavam o chão úmido, as correntes de ar, as constipações, o beribéri. Embaixo era o maior atravancamento. Macas de lona suspensas em varais de ferro, umas sobre as outras, encardidas como panos de cozinha (...). Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se corpos seminus, indistintos. Respirava-se um odor de cárcere, um cheiro acre de suor humano diluído em urina e alcatrão (CAMINHA, p.36).



Os marinheiros com quem Amaro convive se encontram na mesma situação do navio: em péssimas condições de higiene, que demonstram uma situação desagradável e persistente: “As unhas metiam náuseas, muito quilotadas de alcatrão, desleixadas mesmo. Figura triste essa, cujo aspecto deixava uma impressão desagradável e persistente.” (CAMINHA, p. 14)

Amaro, como qualquer outro personagem de uma obra naturalista, é influenciado pelo meio em que vive por que:

O homem é visto como um animal condicionado por forças que determinam o seu comportamento. Por isso, as personagens dos romances naturalistas tem um comportamento que resulta da liberação dos instintos, sob determinadas condições do meio ambiente (www.portrasdasletras.com.br).

Dessa maneira, compreendemos que convivendo em um meio desagradável, com marinheiros sujos, solitários, sem privacidade alguma, viajando durante longos períodos juntos pode ter favorecido o afloramento do homossexualismo em Bom-Crioulo e nos demais marinheiros. “Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia!” (CAMINHA, p.26)

Aleixo era filho de uma pobre família de pescadores de Santa Catarina, tinha 15 anos, era loiro, frágil e querido por todos. Ao cruzar a vista com Aleixo, Amaro vê o adolescente com outros olhos e a partir disso começa a conquistá-lo, dando-lhe presentes e fazendo-lhe elogios, como um homem conquista uma mulher.

Em meio a essa conquista, a situação começa a se extrapolar, fazendo com que Amaro ora aceite, ora condene essa relação, “esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo.” (CAMINHA, p.40)

Por um lado Amaro é contra essa relação entre homens, pois a vê como um ato imoral, que costuma ocorrer com frequência a bordo do navio, sendo praticado por muitos marinheiros que não se preocupam em esconder o fato:

[...] alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança..Quando sentisse “a necessidade”, aí estavam as mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas...a escolher! (CAMINHA, p.30).

Mesmo se sentindo atraído por Aleixo, Amaro ainda se revolta contra esse tipo de relação, entre homens, mesmo que isso seja um fato recorrente no seu cotidiano e não havia motivos para ‘sacrificar’ Aleixo porque para satisfazer suas necessidades sexuais haviam as mulheres de diferentes nacionalidades.



Mais adiante, Amaro assume outra posição, passando a aceitar o fato de sentir atração por Aleixo e começa a compreender fatos passados, antes ignorados, mas que agora faziam sentido: “Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres.” (CAMINHA, p. 40)

Compreendemos que após refletir sobre os fatos passados, Amaro aceita a situação: Aleixo o atrai como a mulher atrai o homem e, “É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir...” (CAMINHA, p.29)

Aqui fica claro que ele não repudia tal relação, ele simplesmente declara que tudo dependeria da aceitação da proposta por Aleixo, pois para ele o fato só dependeria disso.

O fato de o personagem Amaro aceitar e logo em seguida negar sua homossexualidade é compreensível, pois isso demonstra que sua sexualidade não estava bem definida apesar da idade “contava então cerca de trinta anos e trazia gola de marinheiro de segunda classe”. (CAMINHA, p. 25)

Em alguns momentos não se incomodava com a opinião dos outros porque era apenas suspeitas, ninguém sabia ao certo o que se passava com ele e Aleixo, não havia provas que o recriminassem, porém ao falar no assunto ele se revoltava, pois alguns a bordo do navio praticavam tal imoralidade e não se importavam com os demais. Mas também é compreensível que essa transição nada mais é que um conflito interior em Amaro que necessitava de uma solução que, no caso, foi a aceitação da sua homossexualidade.

CIENTIFICISMO VERSUS MORALISMO

Em obras naturalistas o uso do cientificismo pelos autores é comum, pois estes tentavam se aproximar dos métodos dos cientistas que “pregavam a atitude objetiva, desapaixonada, de quem verifica e registra sem tomar partido, como convém ao pesquisador de verdade.”(CANDIDO & CASTELLO, 1985, p.286)

Dessa maneira, os autores buscavam registrar os fatos de maneira objetiva, sem interferir ou opinar sobre os acontecimentos narrados.

Em boa parte da narrativa é isso que Adolfo Caminha faz. A objetividade do discurso científico está presente na narrativa, da qual retiramos um pequeno trecho em que é descrita de que maneira Bom-Crioulo se aproxima de Aleixo para conversar e resolver de vez a situação entre eles:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa,



não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios... (CAMINHA, p.37).

Repare que o narrador descreve com minúcias a situação, sem intromissões, apenas registra o fato, cumpre com seu papel de narrador naturalista.

No entanto, um trecho seguinte compromete a objetividade do discurso científico do narrador, pois insere um juízo de valor sobre o acontecimento: “E consumou-se o delito contra a natureza.” (CAMINHA, p.38)

Percebemos que a relação sexual entre Aleixo e Amaro é vista pelo narrador como um ato imoral que, provavelmente, contraria seus princípios: “_ Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza.” (CAMINHA, p.38)

Nesse ponto, o narrador expõe o seguinte: “Não havia jeito, senão ter paciências, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo.” (CAMINHA, p.40) Aqui a homossexualidade também não é bem vista e o narrador a vê como algo ruim.

Por outro lado, o fato de o narrador ter mencionado que tal acontecimento fosse um delito pode ter outro motivo. Como sabemos no naturalismo os personagens são seres dominados pelas forças externas, influenciadas pelo ambiente em que vivem. Desse modo ao tratar o ocorrido ele registra que isso não era comum, não era da natureza do homem se relacionar com homens, mas sim com mulheres. Assim, o delito a que o narrador se refere pode estar relacionado ao fato de que a relação sexual entre dois homens contrariava os padrões de relacionamento da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se levarmos em conta a data de sua publicação (1895), *Bom-Crioulo* tratou de um tema tanto quanto polêmico e pouco comum: o homossexualismo. Tal tema, pouco comum, principalmente na literatura européia, fez com que a obra fosse ignorada e criticada por alguns escritores da época.

Apesar de o individualismo prevalecer sobre o coletivo, característica incomum ao naturalismo, *Bom-Crioulo* não deixa de ser uma boa opção de leitura

Muitos escritores da época, além de Adolfo Caminha, ao se fixarem no individual, deixaram de lado as exatas dimensões do naturalismo caindo “inevitavelmente para o excepcional, para o isolado, para o externo, para o arbitrário.” (SODRÉ, 1969, p. 384)

Pode ser que seja por esse e outros motivos que o naturalismo brasileiro seja criticado por Sodré (1969, p. 384), por exemplo, que diz que os escritores ao tentarem



transportar a vida para a arte, eles se fixavam em figuras anormais, criminosas, descomedidas, ébrias, o que prevalecia nessas obras era o individual e não o social.

Compreendemos que Bom-Crioulo trata com especificidade Amaro enquanto que os demais personagens servem de plano de fundo para o romance em que o individualismo prevalece sobre o social, sobre o coletivo.

No que se refere às ideias/comportamentos antagônicos (tradicional X ficcional) analisados percebemos que em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha além de apresentar comportamentos diferentes dos tidos como tradicionais, ele busca transmitir e montar uma história em que o personagem principal fosse inserido em um ambiente onde não tivesse problemas de discriminação racial e sexual, sendo aceito sem problemas, coisa que dificilmente seria possível fora da ficção se levarmos em consideração o tradicionalismo da sociedade da época.

E ao mesmo tempo, cria um ambiente diferente sim, porém não deixa de ressaltar as características naturalistas, tratando as personagens e registrando os acontecimentos com a frieza de um cientista que observa o fato e o registra sem deixar transparecer sua opinião sobre os mesmos. E assim foi Bom-Crioulo: uma narrativa excepcional, ousada, de temática moderna, apesar de ter se passado tantos anos após sua publicação.

REFERÊNCIAS

A personagem na narrativa. Disponível em: <<<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/420168>>> Acesso em 04 jun/ 2010.

Bom-Crioulo. Disponível em: <<<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/crioulo>>> Acesso em 16 de jun/ 2010.

CAMINHA, A. **Bom-Crioulo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO A.; CASTELLO, J. A. **Realismo, parnasianismo, simbolismo**. In: Presença da literatura brasileira: história e antologia. São Paulo: Difel, 1985.

SCHWARTZ, S. **Escravos, roceiros e rebeldes**. São Paulo: EDUSC, 2001.